

3. A história: suas vantagens e desvantagens

Neste capítulo a abordagem do tema se baseia na questão discutida por Nietzsche na segunda intempestiva, na qual o autor ressalta a questão da cultura histórica na modernidade, avaliando seus excessos e as conseqüências trazidas por um tipo de cultura que apenas se traveste de cultura, mas que na verdade não passa da repetição de conhecimentos, valores e acontecimentos passados.

Nietzsche inicia a sua *Segunda Intempestiva* com a seguinte cena: o rebanho no pasto. Segundo o filósofo; o homem ao observar o rebanho, à primeira vista, sente inveja destes animais, da sua inocência e felicidade perante a vida, pois o animal vive apenas o instante e as suas sensações de prazer e dor, esquecendo-se logo em seguida do momento precedente. “ ‘Porque é que não me falas da tua felicidade? Porque te limitas a olhar-me?’ O animal gostaria de responder: ‘É que eu esqueço exatamente o que eu queria dizer.’ Até mesmo esta resposta é afogada no esquecimento, e cala-se”⁴⁶.

Já que o homem não obtém nenhuma resposta do animal, não lhe resta nenhuma alternativa a não ser se auto-admirar. Ele sente agora orgulho, por sua capacidade de memorizar os fatos, de não poder esquecê-los, ficando sempre preso ao passado. “É um fato extraordinário: o instante aparece como um relâmpago e depois desaparece também como um relâmpago. Nada antes, nada depois, e, contudo, ele vem perturbar como um fantasma, a paz de um instante ulterior”⁴⁷. O animal, por viver no esquecimento, não tem um tempo histórico, linear, sucessivo, ele absorve completamente o instante, não dissimula, é pura inocência. Por outro lado, o ser humano, tem o passado como um peso que aumenta quanto mais os anos se vão. O homem torna-se preso a um passado que por sua vez vai se acumulando, tornando-se um “invisível fardo das trevas”. A memória do sujeito traz consigo a noção de finitude da vida e o sentimento de culpa e remorso do passado. Com isso, o homem torna-se sério, adoece. Observando uma criança, assim como o rebanho no pasto, o ser humano se emociona, pois este lembra de si próprio nesta mesma idade, quando não existiam

⁴⁶ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 105.

⁴⁷ Ibid., p. 105.

limites entre passado e futuro para ele, porque nesta época de sua vida não havia qualquer passado a ser recusado.

E contudo, a sua brincadeira um dia será perturbada, será arrancada à sua inconsciência. Aprenderá a compreender estas palavras, “antigamente...”, fórmula que atrai sobre o homem, a luta, a dor e a saciedade e que lhe recorda que a sua existência não é senão um imperfeito, que nunca se há de completar. Quando, por fim, a morte traz o esquecimento desejado, rouba-nos simultaneamente o presente e a existência e põe o selo definitivo sobre esta verdade, que ser não passa de um *ter sido* ininterrupto, uma coisa que vive de se negar e de se consumir, de se contradizer a si própria⁴⁸.

O ser humano pode, às vezes, negar o passado, esquecendo-o, tendo assim, alguns instantes de felicidade em sua vida, mas não como o animal o faz. Todo ser vivo almeja a felicidade. O animal traz consigo sempre presente a felicidade, por menor que ela seja, enquanto o homem, às vezes, é arrebatado por uma imensa felicidade, mas que se esgota num momento ulterior. Portanto este segundo tipo de felicidade é apenas um capricho do homem, dentro de um mundo de privação e de dor. No entanto, tanto a fortuna do animal quanto a do sujeito, tem um elemento fundamental que as tornam possíveis: o esquecimento, o único que pode arrancar o homem para fora da história, oferecendo-lhe alguma alegria. O esquecimento é responsável por uma boa saúde do indivíduo, sem ele o homem não conseguiria viver.

Imaginal o exemplo extremo: um homem que fosse incapaz de esquecer e que fosse condenado a ver permanentemente um devir; deixaria de acreditar no seu próprio ser, deixaria de acreditar em si, veria dissolver-se tudo numa infinidade de pontos móveis e acabaria por perder-se na torrente do devir⁴⁹.

Um ato para ser executado precisa do esquecimento. O homem que vivesse sem esquecer lembraria sempre de como ele próprio pôde se tornar sujeito. Uma pessoa que vivesse somente na lembrança do passado, sempre teria em mente a sua finitude, o que lhe causaria angústia e nenhum sentido para a sua vida. Tal indivíduo não ousaria levantar sequer um dedo.

Um homem que tudo quisesse ver historicamente seria semelhante àquele que fosse obrigado a prescindir do sono ou ao animal cuja vida fosse ruminar e

⁴⁸ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 106.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 107.

ruminar sem fim. Portanto, é possível viver sem recordar e viver feliz, como demonstra o animal, mas é impossível viver sem esquecer⁵⁰.

3.1 A história.

A história, assim como o esquecimento, foi necessária para que o indivíduo se conservasse e também se auto-admirasse. Porém nos tempos modernos o excesso de história prejudicou a própria vida, pois a prendeu em seus calabouços conceituais impedindo que o sujeito possa agir de forma diferente dos seus antepassados. Na modernidade sabedoria e história têm o mesmo significado. Nietzsche desta maneira distingue três tipos de história: a monumental, a tradicional e a crítica.

A história monumental só considera um acontecimento como histórico quando um evento é grandioso e nobre. Portanto tudo o que serve para elevar a noção de homem no tempo deve ser eternizado, isto é; deve tornar-se monumento da história. Contudo esta crença deixa de fora a maioria das pessoas que levam uma vida ordinária. A animalidade do homem vulgar, sua baixeza e mesquinhez atrapalham o rumo da história monumental. Porém se a maioria das pessoas são indivíduos vulgares como poderia ser possível uma corrida olímpica pela história monumental?

Quem acredita neste tipo de história, também crê no homem como o ser mais extraordinário do mundo, na qual a história é a prova da grandiosidade da humanidade, pois é composta por grandes sujeitos que não se apegavam à vida, porque davam mais importância à manutenção, ao andamento e à imortalidade da história. O passado monumental é útil aos homens do presente quando lhes dá esperança em relação ao futuro, pois revela ser possível a grandeza em seu tempo, assim como fora em tempos anteriores. Porém uma comparação do passado com o presente faz com que a realidade singular do passado e do presente sejam violentadas e transformadas em uma fórmula geral, já que o acontecido nunca poderá ser possível novamente. Portanto, para poder comparar eventos passados com acontecimentos presentes, a história monumental cria uma identidade para os eventos ao dar ênfase somente aos efeitos dos fatos. As festas populares celebram justamente estes “efeitos em si”, fazendo as pessoas esquecerem as circunstâncias

⁵⁰ Nietzsche, *Considerações intempestivas*, (Segunda intempestiva), p.109.

que os causaram e que os tornam diferentes. Percebe-se assim que além de utilizar-se da memória de um povo, os historiadores também fazem uso do esquecimento das pessoas que sempre tendem a generalizar os fatos. O esquecimento das singularidades pode cegar e levar o sujeito à adoração do passado monumental, paralisando desta forma sua capacidade de livre criação. “A história monumental engana-nos por meio de um jogo de analogias, através de semelhanças enganadoras arrasta o homem corajoso para a temeridade e o entusiasta para o fanatismo”⁵¹. Em algumas épocas, passado monumental e mito chegam até a se confundir, pois os estímulos de ambas são iguais; a adoração dos ídolos. Além disso, quando se prioriza a história monumental numa cultura acaba-se deixando de fora vários setores da sociedade. Nietzsche dá como um exemplo do mau uso da história os críticos de arte, que acreditam na história monumental da arte, apropriando-se desta para julgar os artistas contemporâneos. Tais pessoas não sabem fazer uso da história monumental, pois criam através dela uma espécie de “bom gosto” que se baseia nas antigas doutrinas e não na obra do artista. Julgam a obra com o passado, pois tem medo que a arte monumental e todo seu conhecimento do passado seja substituído pelo novo e desconhecido. Assim, se traveste a história do passado para dissimulá-la à sua maneira diante dos poderosos do presente.

De outro lado, o homem que acredita na história tradicionalista tem o seu tesouro nas suas origens. Portanto tudo que diz respeito à sua vida, à sua terra natal, à sua cultura é o que existe de mais grandioso. O homem tradicionalista não consegue avaliar os fatos, pois dá a mesma importância a tudo, ele não pensa coletivamente e julga as coisas novas pelas antigas, porque para ele todo passado deve ser respeitado. Desta forma a vida está a serviço da história; isto é; ela está mumificada. O homem de talento vive sem poder criar diante deste modo de encarar a história. A história tradicionalista sabe conservar, mas não sabe criar, despreza a vida em transformação, pois não tem nenhum instinto de devir. A história monumental, por outro lado aceita o devir, pois sabe que sujeitos grandiosos devem romper com o passado.

A história crítica julga e condena o passado a fim de conseguir, a posteriori, modificar e fazer justiça a este. Neste caso, a história não consegue

⁵¹ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p.122.

afirmar o passado e tem a pretensão de poder julgar atos antigos da humanidade que são compreendidos como “injustos”, pois se acredita que só assim o homem poderá livrar-se desta natureza herdada, hereditária e cultural em prol do “verdadeiro” conhecimento e da justiça. Porém o veredicto dado por tais críticos é injusto, pois tal julgamento nunca poderá provir da fonte pura do conhecimento como quer a história crítica. Portanto ao utilizar a história crítica para julgar, condenar e finalmente negar o passado; o homem a transforma num veneno para a própria vida, pois ele pretende com este mau uso, esquecer de toda sua natureza primária, violenta e instintiva em favor de uma segunda natureza totalmente objetiva e racional. Seu desejo é inverter estas duas naturezas, isto é: querem que a natureza primária passe a ser uma natureza secundária, dispensável e vice versa. Nesse caso a vida que necessitava do esquecimento deve prescindir momentaneamente dele “porque uma vez que somos o fruto das gerações passadas, somos também dos seus desvios, das suas paixões, dos seus erros e até dos seus crimes”⁵² e querer negá-los totalmente em prol de uma natureza totalmente racional é no mínimo injusto.

Nietzsche com tal crítica à história acredita que os três tipos de história devem ser usados de maneira apropriada, pois caso contrário em vez de favorecer e fortalecer a vida, elas a envenenarão. Portanto aquele que quer criar grandes coisas deve fazer uso da história monumental para poder acreditar no futuro de sua obra. Aquele que quer livrar-se do peso do passado necessita da história crítica. A troca dos papéis pode acarretar em graves danos. “O crítico sem necessidade, o antiquário sem piedade, o perito sem poder criador são plantas que degeneram, por terem sido arrancadas do seu terreno”⁵³. Portanto a ação do homem tem necessidade de um certo conhecimento do passado, porém esta necessidade não deve ter fins intelectuais, a finalidade deve ser a vida. Sendo assim, o conhecimento do passado só é útil quando se põe ao serviço do presente e do futuro.

⁵² Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 130.

⁵³ *Ibid.*, p. 124.

3.2 História e modernidade.

Com a modernidade e o avanço da ciência, a história deixou de ter uma relação com a vida, pois teve de ser racionalizada e objetivada para poder ser aceita e respeitada como ciência. Contudo como se pode objetivar e controlar acontecimentos singulares e imprevisíveis que ocorrem a todo instante? Segundo Nietzsche, com esta postura a história tornou-se a “ciência do devir universal”. Em consequência desta cientificação da história, o homem moderno encontra-se perdido num turbilhão de acontecimentos, pois surgem fontes inesgotáveis de informações sobre o passado, que não conseguem ser digeridas pelo indivíduo. Para continuar vivo o sujeito cria uma segunda natureza, racional e objetiva que acaba por criar um contraste entre o mundo interior e o mundo exterior. “O saber recebido em massa, sem fome, até contra-vontade, deixa de agir como um fator de transformação exterior, de formação, continua escondido no mundo interior caótico que o homem moderno designa com um estranho orgulho como a sua intimidade própria”⁵⁴.

O homem moderno tornou-se uma espécie de enciclopédia ambulante, um receptáculo que tem que absorver rapidamente infinitas informações sem prestar atenção se estas lhe são úteis ou não. Os atos do sujeito não passam de uma simples convenção fria na qual não se distingue mais ser culto e cultura histórica, pois para o sujeito moderno é impossível ser culto ignorando-se a história. Como são muitas as informações que chegam a todo o momento para o sujeito, ele não consegue mais associar o conteúdo com a forma, e só exercita a sua mente com as novas descobertas da história, a fim de organizá-las em sua memória. Cria-se assim uma ruptura com o mundo exterior causada pela supervalorização da cultura moderna no acúmulo de conhecimento histórico. A história contaminou a civilização moderna e a noção de cultura como unidade entre o interior e o exterior, ou entre o conteúdo e a forma. O instinto anti-histórico que outrora, por exemplo, era conservado pelos gregos cultos e que os tornavam homens sábios, é desvalorizado pela cultura histórica, pois é sinônimo de ignorância e tal palavra contém uma conotação negativa na modernidade. Para Nietzsche a Alemanha teria o povo mais fraco de personalidade da época

⁵⁴ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 135.

moderna, pois sua cultura só valoriza o conteúdo (recusando o sentido da forma e o mundo exterior) vangloriando-se de sua extrema interioridade. Esta exaltação da interioridade do sujeito faz com que ele não consiga alcançar resultados em suas ações, pois sua ligação com o que está dentro de si é tão forte que não se chega sequer a agir sobre a realidade externa a ele mesmo.

Certos tipos de homens e povos têm uma maior capacidade de esquecer do que outros; isto é de absorverem o passado, as mudanças, sem sentirem remorso, estas pessoas que tem uma boa capacidade de assimilação tanto do interior quanto do exterior, apresentam conseqüentemente maior potência para criar, maior força plástica, além de serem mais felizes que os demais. Poucos são os sujeitos que conseguem resistir e esquecer um grande sofrimento. Existem pessoas que não tem muita capacidade de assimilação e que por isso podem perecer de uma única dor, enquanto outras, frente à maior catástrofe, tem força para esquecer-las, encontrando-se assim em boa saúde física e psíquica.

Nietzsche enumera então cinco razões que fazem o excesso de história ser prejudicial à vida. O primeiro, como já foi visto, é o contraste entre interior e o exterior. Em segundo lugar, o excesso de história faz uma época crer que tem a mais nobre das virtudes: a justiça, ou seja; o exagero do homem numa objetividade e racionalidade da cultura, o faz acreditar que o seu tempo é o mais justo da história, pois ele imagina que quanto mais racionalmente agir e julgar mais perto da verdade e da justiça se encontrará a humanidade. Este excesso impede o amadurecimento de uma “cultura real” pela comunidade, pois esta se contenta em acumular conhecimentos para julgar o passado, o que ocasiona também o envelhecimento da humanidade. E por último, tais efeitos da história sobre o homem podem acarretar numa postura cínica que destrói a vida ao transformar-se em um egoísmo prudente do sujeito.

O homem moderno tem uma personalidade enfraquecida. Para ele a história é um festival de fatos descobertos pelos historiadores que ele toma como inabalável. Contudo “a história só é tolerável para as personalidades fortes; abate as personalidades fracas”⁵⁵. Os homens fracos não confiam em si e por isso sempre se remetem à história para aconselhar-se no que fazer em determinada situação. O sujeito não sabe mais utilizar os instintos para poder distinguir entre a

⁵⁵ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 148.

hora certa para calcular e compreender do momento em que ele deve apenas fixar a imagem do acontecimento na memória. Por isso ele não consegue apreender o verdadeiro sentido do acontecimento quando este se dá em frente aos seus olhos, pois o ser humano não deseja somente observar o fato. Assim sendo, quando se deveria apenas concentrar-se em fixar as imagens de uma ocorrência, o homem tenta ir além desta, avaliando-a e julgando-a previamente. Tal pessoa perde a confiança em si, voltando-se apenas para o seu mundo interior, que por sua vez não passa de uma confusão de coisas apreendidas que não tem ação no mundo exterior. Fala-se em “personalidade livre”, porém o que se observa são personalidades universalizadas, produzidas de forma que se obtenha das pessoas os mesmos desejos e prazeres manipulados através da cultura histórica. Quem tem poder vende o ideal de liberdade e individualidade para o povo, enquanto na verdade ela está criando subjetividades uniformes que consomem a cultura histórica⁵⁶.

⁵⁶ A partir da crítica de Nietzsche à cultura histórica, Deleuze e Guattari elaboraram uma crítica a cultura capitalística e seus modos de subjetivação, de captura do desejo. Assim em livros como *Cartografias do desejo* (GUATARRI & ROLNIK, 2000) e o *Anti-édipo* (DELEUZE & GUATARRI, 1976) eles mapeiam três formas de captura do desejo pela cultura capitalística. A primeira forma seria a cultura-alma, que é o sentido mais antigo dado à noção de cultura. Tal concepção se dá através de um julgamento que decide quem tem cultura e quem não tem. Ter cultura significa ser culto, intelectual e tal definição se liga diretamente à hierarquia das classes sociais. O segundo sentido, que aparece no final do século XIX, é a idéia de cultura como a maior representante da alma de uma nação. Em princípio tal concepção surge no partido de Hitler, desta maneira acreditava-se que as sociedades primitivas não tinham alma. Contudo, com o decorrer do tempo e a criação da antropologia, tal concepção fez surgir a noção de identidade cultural. Na tentativa de acabar com o etnocentrismo cultural, a antropologia estabeleceu noções como as de “personalidade de base” nas sociedades primitivas, porém desta maneira introduziu-se o conceito de cultura dentro destas sociedades, multiplicando-se o etnocentrismo através de um policentrismo cultural. Cada sociedade passa a ter sua cultura coletiva. Contudo “da mesma maneira que o burguês fidalgo de Molière descobre que ele “faz prosa”, as sociedades primitivas descobrem que “fazem cultura” (...) Mas elas não fazem nem cultura, nem dança, nem música. Todas essas dimensões são inteiramente articuladas umas às outras num processo de expressão, e também articuladas com sua maneira de produzir bens, com sua maneira de produzir relações sociais” (GUATARRI & ROLNIK, 1976). Assim, acontece uma aparente democratização da cultura, na qual todos podem reivindicar sua identidade cultural. Esta noção de cultura engloba todos os movimentos de minorias como a cultura punk, a cultura eletro, a cultura negra etc.

A última esfera semântica da cultura tem o sentido de “cultura-mercadoria” ou cultura de massa. Este significado de cultura não pretende ser um juízo de valor como no primeiro, nem se trata de territórios secretos de minorias como no segundo. Aqui a cultura engloba todos os bens produzidos, sejam eles, meios de comunicação, obras de arte, pessoas, idéias etc. Ou seja: tudo o que contribui para a produção de objetos de consumo faz parte da cultura. Estes produtos serão divulgados e comercializados em toda parte do mundo, portanto para a cultura de massa não existe mais diferença entre, a difusão do consumo de cigarros, por exemplo, para o de cultura. A cultura neste caso não tem um sentido à priori, ela trata apenas de produzir e reproduzir produtos culturais. A sua difusão em massa não leva em consideração nenhum dos dois tipos anteriores de cultura, desta forma qualquer coisa chega em qualquer lugar, o que importa aqui é a quantidade e não a qualidade da produção. As universidades e seus sistemas de avaliação de produção cultural, por exemplo, levam em conta apenas os números de publicações, de filmes, livros e coisas do gênero,

A filosofia em épocas assim desmorona-se, pois ninguém quer levar uma vida filosófica. Para a modernidade, a filosofia não passa de tagarelice entre crianças e velhos ou de um monólogo de um viajante solitário. Não se vê utilidade na filosofia, pois ela não revela nenhuma verdade e nada pode realmente comprovar como faz a ciência. “Toda atividade filosófica moderna é política e policial, reduzida pelos governos, as igrejas, as universidades, os costumes e a fraqueza dos homens a uma simples aparência de erudição”⁵⁷. Continua-se a ensinar filosofia, porém ela não passa de um saber confidencial e sem ação, é apenas repetição que não alcança o domínio da ação e da vida. Em vez de homens criam-se máquinas de pensar, escrever e falar. Com a literatura moderna ocorre o mesmo que na filosofia, os escritores não passam de manuais encarnados, porém o mais irônico de tudo isso, é que a história consegue comparar suas obras atuais,

apenas considerando-os em termos de quantidade; isto é: a melhor universidade é aquela que produz mais. Este tipo de cultura valoriza o trabalho, pois ele é a única maneira de não fazer a produção em massa parar, em contrapartida o sujeito tem a sensação de enobrecimento e de realização de seus desejos de consumo através da venda de seu corpo para o trabalho. A cultura de massa tem esse poder de reverter as coisas a seu favor, pois se em outros tempos o trabalho era tido como obrigação daqueles sem capacidade intelectual, ele agora se tornou um direito reivindicado por todos. Se antes o ócio era um direito para poucos (nobres e intelectuais), nos dias atuais o trabalho é que insere o indivíduo na sociedade; o ócio é sinal de preguiça e vagabundagem.

Nos dias atuais cada uma das três formas de conceber a cultura existe simultaneamente. Os meios de comunicação de massa aliados a uma subjetividade capitalística criam o sentido de cultura como vocação universal. A idéia de cultura como alma, por exemplo, faz com que a cultura, mesmo tendo este caráter universal, aceite a expressão e os movimentos de minoria. A cultura de massa, por sua vez, “democratiza” toda forma de produção da cultura através dos meios de comunicação, o que torna necessário para todos os Estados a criação de ministérios de cultura. Contudo o sentido de cultura como valor é camuflado por esta aparente universalização cultural, assim a manutenção do poder continua, só que de modo menos visível, pois não basta a divulgação democrática da cultura, tem que se levar em conta para quem esta é divulgada, pois o meio social que recebe a informação nunca é homogêneo. A difusão de um certo livro, por exemplo, não tem o mesmo significado nas elites e nas classes mais baixas, assim o acesso ao livro é o mesmo, mas o sentido da informação e compreensão da obra muda ou nem é entendida dependendo do nível de instrução. O nível de reflexão sobre o assunto de que trata a obra e que poderia trazer à tona as singularidades não é atingindo pelos grupos de menores condições de instrução. Desta maneira, a cultura ainda está nas mãos das elites que visam com esta a exploração do poder. Portanto, as classes de maior poder sempre adotam signos culturais de diferenciação social que são encobertos pelos meios de comunicação, pois por mais que estes sejam veiculados para todos, tal tipo de cultura não tem nenhum sentido para quem não nasceu em “berço de ouro”. Contudo, a cultura dominante se difere do resto muito mais por causa do estilo e da etiqueta do que pela sua competência ou superioridade em relação à massa. A cultura de elite não deixou de ditar as regras do “bom gosto” apesar da aparente “abertura cultural democrática”. Assim a questão destes filósofos é da possibilidade ou não de que expressões singulares possam existir sem que sejam capturadas pela cultura de elite, visto que as elites culturais sempre estão apropriando-se dos movimentos singulares a fim manter sua posição de superioridade e “vanguardismo” perante aos demais, conservando desta maneira seu poder e reterritorializando os movimentos singulares em seu favor. Portanto, o que no início era um movimento singular que se encontra à margem da produção dos desejos capitalísticos é de alguma maneira capturado pelo Capitalismo Mundial Integrado (CMI).

⁵⁷ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 146.

com obras de outras épocas. Tratam, por exemplo, os romanos de outrora como seus semelhantes, pois para eles a história é objetiva e por isso qualquer evento passado pode ser comparado ao momento presente. Assim neutralizam a história: “parece ser quase impossível produzir um som cheio, mesmo dedilhando fortemente as cordas; o som morre logo, no instante seguinte esvai-se, feito história, apodrece sem força”⁵⁸.

O esvaziamento das personalidades não permite ao sujeito apreender a ação das coisas. O homem moderno que é considerado culto, não observa uma obra de arte como um acontecer no campo da ação, ele apenas informa-se sobre a vida do autor, para poder assim, analisá-lo e compará-lo a outros artistas. Eles desconstrõem e moldam uma obra dentro do padrão da cultura histórica. Para a ação e obra do artista só restam a crítica ou ainda, a crítica da crítica, e assim uma obra de arte não produz efeito algum. Este excesso de crítica caracteriza uma impotência do homem moderno diante do novo, porque tudo o que é novo pode abalar todo o conhecimento histórico adquirido ao longo dos anos pela humanidade. “A crítica histórica não permite que a obra possa ter ação, no sentido próprio da palavra, isto é; agir sobre a vida e a ação”⁵⁹.

3.3 História e justiça.

O excesso de objetividade do sujeito moderno o faz crer que a sua época é a mais justa de todos os tempos e por isso mais capaz de julgar o passado. A justiça é transformada em causa para poder justificar a objetividade desenfreada da modernidade, ser justo torna-se deste modo uma virtude. Porém, para Nietzsche, tal presunção de se possuir uma virtude é mais nociva do que quando se acredita ter um vício que não se tem, pois o homem tenta melhorar quando acredita ter um vício, enquanto a presunção da virtude torna o homem cada vez mais injusto e cego nos seus julgamentos. Existem certos tipos de homens que saem de um espírito preguiçoso da dúvida para a demência do imperativo “tu deves”. Se em sua origem ele não passava de um pobre homem, agora ele procura por uma virtude impossível de ser alcançada. Esta busca trágica lhe torna um sujeito solitário e que, posteriormente, se tornará o exemplar mais venerável da

⁵⁸Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 144.

⁵⁹ Ibid., p. 150.

espécie humana: o santo religioso, o justo e misericordioso com o próximo. Para este tipo de homem a verdade é a justiça divina.

Porque ele quer a verdade, não como um conhecimento frio e estéril, mas como uma verdade que julga, condena e pune, como uma verdade que não é propriedade egoísta do indivíduo, mas direito sagrado de deslocar os limites de todas as propriedades egoístas uma verdade, em suma, que é o julgamento final e que nenhum caso, é presa fortuita e prazer de um caçador isolado.⁶⁰

Por outro lado, o homem frio do conhecimento acredita na verdade objetiva, imparcial e desinteressada, características da ciência. Para ele verdade e justiça são coisas distintas, pois a justiça se confunde com diversos instintos como as paixões, o medo, a desconfiança etc. Tanto no caso do santo, como no demônio frio do conhecimento, a justiça não tem critérios e por isso, acaba causando diversos males para a humanidade, pois desta maneira defende-se somente um lado da moeda, o que causa discriminação em quem não compartilha do ponto de vista de quem está julgando. Os juízes modernos cultivam um instinto de conhecimento, porém não de justiça; seu julgamento é frio, indiferente e causa medo. Para Nietzsche, o homem realmente justo possui um instinto de justiça, isto é; eles são pessoas fortes que tem calma e nobreza para compreender o devir que constitui o indivíduo; tais juízes têm sabedoria suficiente para entender que justiça e verdade andam juntas, porém não como o santo entende esta junção, pois ele sabe que ambas são criações humanas que foram necessárias à vida. Infelizmente este homem justo é raro de existir assim como o instinto de justiça.

Nietzsche se pergunta se o bom historiador seria caracterizado como o homem mais justo de seu tempo. Segundo o autor, a história na modernidade tornou-se objetiva, o que se leva em consideração nela é o fato empírico, de modo que quanto mais simples e seco este for relatado melhor. Tal objetividade faz o historiador crer ainda que quanto mais afastado se estiver do acontecimento, melhor se pode analisá-lo. Porém, desta maneira, não se consegue a originalidade necessária ao historiador, pois ele se contenta em revelar passivamente fatos passados para seres pacíficos. Os historiadores acreditam que seu afastamento dos fatos faz deles seres mais justos para julgar o passado, do que aquele que realmente participou do acontecimento. Para o historiador, o envolvimento no acontecimento cega as pessoas em relação ao fato puramente empírico que este

⁶⁰ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 152.

constitui. Assim ele encara o acontecimento como se ele estivesse neutro em relação ao fato, ou seja, ele crê que sua objetividade não influi na interpretação do acontecimento. “O seu trabalho reduz-se a ajustar o passado às banalidades do momento”⁶¹. Para conseguir tal neutralidade é exigido do historiador um isolamento igual ao do artista. Porém como se poderia ter uma ligação entre o isolamento artístico, que é totalmente subjetivo, e o acontecimento empírico do passado? A incoerência é enorme, pois o historiador pretende representar e julgar objetivamente a história através de seu ponto de vista que é totalmente subjetivo e que não se relaciona ao modo de pensar da época a ser julgada. Para Nietzsche isto “seria esquecer que o momento criador do artista é aquele em que a sua alma está cheia de originalidade e de força, é o instante em que a faculdade de compor atinge o auge; o resultado será um quadro artisticamente verdadeiro, mas não historicamente verdadeiro”⁶².

Os historiadores acreditam em uma totalidade secreta, divina, enquanto na realidade não existe uma ligação entre os fatos, os gestos humanos e o conjunto das coisas. A generalização da história não lhe torna mais clara e objetiva, como acontece nas outras ciências, pelo contrário, ao generalizar os historiadores acabam por obscurecer o fato, porém eles acreditam terem feito jus ao acontecimento. A história encarada desta maneira não precisaria do desenrolar dos fatos, mas somente do seu começo e fim. O historiador moderno mistura a contemplação estética da criação com a objetividade da ciência, contudo tal conduta absurda não exprime o valor da história. Para se conhecer este valor é preciso ter uma faculdade poética aguçada que mergulhe nos dados empíricos, para poder criar novas imagens com estes dados, uma vez que o acontecimento real nunca mais poderá ser revivido literalmente e por isso mesmo não pode ser julgado. O historiador deve ter a sensibilidade do artista para melhor encaixar os elementos com tranquilidade. Todavia, geralmente ele confunde essa calma do artista com a neutralidade e a contemplação severa e imparcial dos fatos. Acreditam estarem, desta forma, sendo justos, enquanto na verdade introduzem uma falsa justiça, não sabem que “só é possível julgar entre iguais”⁶³. O autêntico historiador não repete o fato somente, mas o transforma em uma nova realidade,

⁶¹ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 155.

⁶² *Ibid.*, p. 156

⁶³ *Ibid.*, p. 160.

para poder modificar o presente e o porvir. Ele se exprime com simplicidade e profundidade, pois para poder dar algum veredicto do passado ele deve se comunicar igual a um oráculo, isto é, só se pode compreender o passado projetando-se o futuro e conhecendo o presente. Contudo, os historiadores utilizam-se do modo analítico de pensar o passado, ou seja; eles só evocam os seus “porquês”, o que paralisa o futuro. O historiador autêntico deve ser um homem superior, guerreiro, que olhe para o passado com o objetivo de agir no futuro e no presente, só assim ele não se torna um coveiro do presente, mas um criador de novas possibilidades para o porvir da história.

O ser humano precisa das ilusões para poder manter-se vivo e o esquecimento é indispensável para esta criação, pois ele é o que possibilita a crença na verdade, na justiça, no sujeito, no Estado..., enfim em tudo o que até agora o homem inventou e que em princípio, se constituía em função do instinto de sobrevivência, e que, ao longo do tempo, foi sendo esquecido. A ciência moderna inventa novas teorias em função de um pretense instinto de conhecimento, desta forma ela inverte a equação: se antes o objetivo do conhecimento era a vida, agora a vida está em função do conhecimento. O saber histórico levado às últimas conseqüências não faz o futuro aparecer, porque destrói todas as ilusões indispensáveis do homem acerca da vida. A justiça da história destrói a vida.

Se por de traz do instinto histórico, não houver um instinto construtivo, se destruir não tendo em vista deixar um lugar vazio, para que o futuro já vivo na esperança construa a sua casa sobre um terreno desimpedido, se só reinar a justiça, o instinto criador enfraquece e desanima⁶⁴.

Se, por exemplo, uma religião se transformasse em um saber histórico puramente justo, científico; ela estaria por se autodestruir, pois ao longo da pesquisa, se descobriria que nela existe tanta falsidade, contradição, absurdo, violência que aquela ilusão pela religião se dissiparia. A teologia moderna é um destes exemplos, ela pôs-se a serviço da história, tornando o cristianismo estéril, artificial; o historicismo lhe tornou um mero “conhecimento do cristianismo”. “Ora, o homem só pode criar no amor, envolvido na ilusão amorosa, isto é; na

⁶⁴ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 163.

crença absoluta na perfeição e na justiça”⁶⁵. Portanto ao renunciar a ilusão, a história difere-se da ação da arte, pois o excesso de história, que se pretende totalmente justo e objetivo, só mostra ao sujeito a vida injusta levada por ele até o momento, pois lhe revela a ilusão que cobre a sua forma de agir e que o faz considerar o seu julgamento o mais justo e correto possível. Nietzsche propõe a transformação da história em obra de arte, pois só assim a história poderia despertar e conservar os instintos, porém isto iria contra a estética de seu tempo que tem uma maneira analítica e prosaica de encarar a própria arte.

A divisão do trabalho e o capitalismo fizeram a ciência acelerar ao máximo seus avanços, porém isto arruína a própria ciência, pois resulta na vulgarização e infantilização dela. Desta forma a ciência tem somente como função produzir sábios, assim ela é retalhada no seu desenvolvimento a fim de agradar a todos os tipos de pessoas e poder ao menos ser tolerada na sociedade. Um jovem na modernidade tem que percorrer rapidamente a história, deixando de lado seus instintos em prol da cultura histórica, pois lhe é exigido uma maturação antecipada, contudo, desta forma, todo vigor da juventude morre e sua conduta torna-se passiva. A modernidade precisa de uma rápida maturação, pois é preciso produzir cada vez mais depressa operários do saber, sejam eles cientistas, filósofos, historiadores ou meros artesãos. Todavia esta maturação nunca é total, pois afetaria o crescimento do consumo. “Cegam-se aves para cantarem melhor; não creio que atualmente os homens cantem melhor do que os seus antepassados, mas sei que os cegam, muito cedo, usam o meio mais infame de se cegar, é o uso de uma luz demasiado crua, excessivamente repentina e instável”⁶⁶ que é o conhecimento. O jovem historiador, por não ter tempo para criar segue assim, os métodos e truques de seu mestre, pois precisa ser eficiente e rápido na produção de verdades sobre o passado. Estuda-se a história de modo avassalador até o ponto de sua destruição. A juventude, com esta concepção, torna-se escrava da história, enquanto deveria estar construindo o futuro, pois mocidade e história não combinam.

O jovem não pode ser educado somente através de uma cultura histórica. As nações fortes e vigorosas não educavam seus filhos desta forma, pois a educação que se remete somente ao passado envelhece e desencoraja a juventude

⁶⁵ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 163.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 167.

a tomar suas próprias decisões, de acordo com a sua vontade. Para Nietzsche, Hesíodo tinha razão quando dizia que ainda haveria de existir uma raça de homens com cabelos grisalhos que aniquilaria a espécie humana, pois quando Zeus percebesse o primeiro sinal de velhice acabaria com todos. Este momento chegou, pois com a cultura histórica não existem mais homens jovens, fortes e guerreiros, mas apenas sujeitos desocupados e apáticos que valorizam muito mais o passado do que o presente.

A cultura histórica é, com efeito, uma maneira de nascer com os cabelos grisalhos, e os que apresentam este sinal desde a infância chegam necessariamente à crença na velhice da humanidade. Mas à velhice convém uma ocupação de velhos: olhar para trás, totalizar, concluir, procurar uma consolação no passado através da recordação; isto é a cultura histórica⁶⁷.

Nietzsche se questiona sobre esta crença na “juventude” e “velhice” da humanidade, pois para ele tal estado de espírito não passa de um mal entendido criado pela teologia cristã do juízo final. Apesar da modernidade conclamar o memento vivere como lema, a cultura histórica moderna está ligada ao memento mori da época medieval, que é traduzida pela necessidade de história. O cristianismo utiliza-se da cultura histórica, sem esta perceber, camuflando deste jeito seu memento mori na história “E então, falando em nome desta cultura, repudia com um encolher de ombros tudo o que está em devir, espalha por todo lado o sentimento de que tudo vem demasiado tarde, de que tudo se reduz à ação de epígonos, em suma, de que nós nascemos com os cabelos grisalhos”⁶⁸.

O pensamento cético de que se deve conhecer o passado encobre o valor que tem o esquecimento do passado sobre a ação. A história, assim como na idade média, é uma teologia camuflada. Até mesmo a ciência não conseguiu apagar esta condição de morte, pois se hoje ela é respeitada como a igreja o fora outrora, é graças à própria igreja. Sendo assim, a ciência também trabalha com a noção histórica de evolução, considerando a última religião a surgir como a mais importante, confirmando deste modo o juízo final.

Contudo, o abuso da história não se deve somente ao memento mori ou ao pessimismo cristão, pois cabe à história resolver este problema trazido pela cultura histórica, que implantou o espírito de coveiro na humanidade. Hegel e o

⁶⁷ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 172.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 174.

seu conceito do “fim da história” ajudaram a piorar a concepção de história da humanidade. Para este filósofo alemão, a raça humana atingirá um dia o seu ápice e por isso o passado deve ser divinizado, pois é uma consequência deste processo de evolução universal, desta forma, ele justificou a sua própria época ao colocá-la como parte deste processo, ela passou a ser o sentido e o fim de toda evolução anterior. A atitude cínica passou a ser justificada pela história, pois o cínico passou a atribuir a finalidade de todas as suas ações ao processo histórico, portanto agora não se age com escrúpulos, pois se passou a acreditar que os atos são consequências do processo universal. O sujeito não se vê mais como indivíduo, mas como a espécie de homem mais evoluída que já existiu. Assim ao empregar o termo “processo universal”, o sujeito tenta explicar a priori o sentido de sua existência, dando-lhe uma finalidade. Contudo para Nietzsche tal termo só pode ser utilizado com o tom de brincadeira, porque o processo universal liga-se a evolução do indivíduo que, por sua vez, não é compatível com a idéia de infinita duração do passado ou de futuro ilimitado, pois em ambos os casos não existiriam um final a ser alcançado pela história. Portanto, se o passado for infinito toda a evolução já foi há muito tempo alcançada, no caso do futuro sem limites, o ilogismo também seria infinito o que iria contra a concepção de evolução racional. Assim a história de Hegel foi ironicamente chamada da “ação de Deus sobre a Terra”, onde o homem esqueceu-se de que Deus é apenas uma criação da história. Com essa teoria, Hegel impregnou e curvou gerações inteiras com um excesso de senso de histórico e gerou a fórmula “fazer justiça aos fatos”. Dando prioridade as massas e não aos grandes homens, este filósofo confundiu qualidade com quantidade, pois para ele tudo o que agita as massas é grandioso. Portanto, se a massa absorver uma certa idéia e a seguir por muito tempo, o inventor passa a ser um grande homem caso contrario, será esquecido. Desta forma a história repete-se ao fazer um julgamento moral dos fatos, o historiador toma os fatos consumados “com sucesso” como parte da história, porém o fato é sempre absurdo e não pode ser julgado como bem sucedido ou não, portanto a história tornou-se um repertório de imoralidades; isto é: ela transforma o que é imoral em moralidade, tornando o homem passivo diante do julgamento dos fatos (ele passa a não ter mais a virtude de revoltar-se contra o passado). Para Nietzsche, o homem virtuoso é aquele que age de acordo com sua vontade tendo uma atitude moralmente

correta com seus desejos, ele não aceita simplesmente os fatos, pois é um homem de ação, que faz a história prosseguir sem receio de um fim.

3.4 História e esquecimento.

Nietzsche com essa crítica à história não pretende, contudo o seu aniquilamento. O homem só se tornou o que hoje ele é através do sentido histórico e da memória. Porém o excesso de história da modernidade também pode destruir o sujeito. O esquecimento cria a história da humanidade, sem um pouco dele nenhum ser humano poderia motivar-se para agir e criar sua própria história.

Trata-se de saber esquecer a tempo, como de saber recordar a tempo; isto é imprescindível que um instinto vigoroso nos advirta sobre quando ver as coisas historicamente e quando é necessário não as ver historicamente. É este o princípio sobre que o leitor deve refletir: *O sentido histórico e sua negação são igualmente necessários à saúde de um indivíduo, de uma nação e de uma civilização*⁶⁹.

O homem de ação, aquele que fica inscrito na história, tem que se esquecer da maioria das coisas para poder realizar um só ato: o ato de sua vontade. Tal sujeito pode fazer sua vontade valer no futuro, pois utiliza a sua memória a serviço somente do seu querer, não levando em conta nenhum moralismo, nenhuma história, nenhuma justiça. Ele é injusto, pois seu objetivo é lançar sua vontade no porvir. O único direito que ele reconhece é o seu. Ele cultiva uma memória da vontade e só lembra o que sua vontade deseja. Os maiores empreendimentos históricos advêm deste ato de paixão.

(...) contudo, este estado - não histórico, anti-histórico, numa primeira visão - é a matriz não só de um acto injusto isolado, mas de todos os actos justos, e nenhum povo conquistará a liberdade, sem os terem desejado ou procurado fora de qualquer pensamento histórico⁷⁰.

Nietzsche, assim identifica dois tipos de homens: de um lado o homem injusto, que tem o sentido histórico reduzido, guiando-se pela sua vontade. Este tipo de homem, pela falta de sentido histórico, acredita numa autenticidade de suas ações. A única coisa que este gosta de lembrar é de fazer valer a sua vontade, o resto não lhe interessa, ele esquece, garantindo deste modo para si uma vida

⁶⁹ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 109.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 111.

saudável. No outro lado, o homem justo não deseja com força, pois se encontra emaranhado nas teias da verdade e da justiça, este tipo de homem tende a definhar com o tempo, pois está preso em categorias morais inventadas. Portanto a ausência de sentido histórico é fundamental para a produção da vida. Ele é uma nebulosa na qual a vida reproduz a si mesma.

É verdade que só quando o homem, a força de reflectir, de comparar, de dividir, de relacionar, consegue delimitar o âmbito da não-história, é que nasce dentro da nebulosa um foco claro e brilhante. É, pois pela faculdade que ele tem que fazer servir o passado à vida e de refazer a história com o passado, que o homem se torna homem; mas um excesso de história destrói o homem e ele não teria começado, nem sequer ousado começar a pensar, sem esta nebulosa que envolve a vida antes da história⁷¹.

Em suma: O esquecimento é o que possibilita a saúde psíquica do homem, o que o faz feliz. Os grandes homens, aqueles que são arrebatados pela sua vontade como numa paixão, querem fazer valer seu querer no futuro; criando uma memória da vontade. Porém para esta vontade realizar-se, é preciso certa ausência de sentido histórico, pois este limita o homem de executar, criar o que a sua vontade quer. Sendo assim, a memória usada de forma ativa, para afirmar a vontade, é o que torna o homem saudável e o que o diferencia positivamente dos outros animais. Contudo, o animal se encontra superior ao homem, quando este se escraviza com a memória histórica. Este tipo de memória encontra-se presa ao passado, diferente da memória da vontade que lança o homem a um futuro. Portanto o homem saudável deve saber lembrar e esquecer no tempo devido.

Os dois tipos distintos de sujeitos (justo e injusto), a partir de concepções distintas da história, podem também ser chamados da seguinte forma: o supra-histórico e o histórico. O sujeito supra-histórico⁷² (geralmente considerado sábio pelo seu povo), não vê o mundo como evolução, para ele o mundo já é completo, este atinge em todo instante o seu objetivo. Estes homens carregam consigo uma superabundância dos fatos da história que rondam, permanentemente a sua consciência, tornando-os desiludidos e desanimados com a vida. Tal pessoa considera o tempo como instantes plenos em si e que tem como finalidade a

⁷¹ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 110.

⁷² Segundo NABAIS, *Metafísica do trágico*, p. 147: “(...), o que importa ao homem supra-histórico é a revelação do que há de incondicionado e de imutável subjacente ao devir e que, por isso, lhe confere um caráter eterno”.

história. Por outro lado o sujeito histórico é aquele que se volta para os espetáculos do passado, com o objetivo de ser impelido para o futuro, onde ele pode ter a esperança de uma justiça porvir, na qual encontrará a felicidade. Eles acreditam na evolução do homem e da história, contudo esta evolução não é uma finalidade como em Hegel e sim um sentimento de esperança no futuro, ou seja; estas pessoas acreditam na sucessão temporal e conseqüentemente numa evolução da história, pois querem lançar-se no futuro tendo como esperança a felicidade. Porém “eles não sabem que, apesar de todo o seu saber histórico, os seus pensamentos e os seus actos são poucos históricos, e até que ponto o seu estudo da história é comandado pela vida e não por uma necessidade de conhecimento puro”⁷³. É este último tipo de homem que intervém e faz mudar os rumos da história, pois é só a partir de uma atmosfera não histórica que aparecem os grandes acontecimentos históricos.

O respeito que temos pelos factos históricos não passa, talvez, de um preconceito ocidental; que importa, contanto que à sombra de tal preconceito nos seja possível avançar sem nunca nos determos. Oxalá, aprendamos a estudar cada vez melhor a história em função da vida. Nesse caso, será fácil conceder que os espíritos supra-históricos são mais sábios do que nós, conservando nós a certeza de que temos mais vida do que eles. E sendo assim, a nossa ignorância terá mais futuro do que a sabedoria deles.⁷⁴

A sabedoria faz do homem um prisioneiro da história, tornando a vida um puro sofrimento que não cessa. Portanto aquele que deseja a felicidade e a alegria deve ser um pouco ignorante com relação à história, mas ao mesmo tempo, deve acreditar nesta e na sua evolução, para poder visar um futuro em que sua vontade se cumpra, tornando-o feliz. A história neste caso é utilizada em função da vida⁷⁵.

Na medida em que está ao serviço da vida, a história está a serviço de uma força não histórica; em razão desta subordinação, não poderá nem deverá jamais ser ciência pura, como as matemáticas, por exemplo. (...) Porque há excesso de história, a vida desagrega-se e desintegra-se, mas em virtude desta degenerescência também a história se desagrega.⁷⁶

⁷³ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p.113.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 114.

⁷⁵ Segundo NABAIS, *Metafísica do trágico*, p. 140: “Nietzsche quer que a história respeite sua dependência metafísica face à vida, face a essa esfera insondável da pura criação fora do tempo.”

⁷⁶ *op. cit.*, p. 115.

Contudo a modernidade e também os tempos atuais sofrem de um excesso de história que é prejudicial à vida. Para a cultura histórica não acabar com a vida é preciso salvar a juventude do excesso de historicismo, pois antes de uma formação histórica, o jovem deve aprender a viver da sua maneira, só deste modo a juventude não sofrerá de velhice precoce. A educação moderna e até a contemporânea limitam o jovem a ser um mero repetidor de conhecimentos, o resultado disto é uma natureza oposta aos instintos e à sua capacidade de criação. Deve-se destruir a crença de que este modo de educação atual é o único válido e necessário, pois existem várias outras formas possíveis de educar, que permitam ao próprio educador assim como o historiador, tornarem-se artistas que auxiliam na criação de personalidades fortes; isto é: criar jovens capazes de ouvir suas vontades e o que o seu corpo necessita para criar um mundo novo, construído por suas próprias descobertas empíricas.

O homem deve conservar o espírito sempre jovem, pois a juventude é a única que pode saber dosar corretamente os contra-venenos da história que são uma espécie de antídoto contra o historicismo. “O excesso de história atacou a faculdade plástica da vida, já não se sabe ir buscar no passado o seu alimento tonificante”⁷⁷. Os medicamentos contra o historicismo se chamam não-historicismo e super-historicismo. O primeiro encerra-se num horizonte bastante limitado, pois se trata de poder esquecer, o que acarreta no processo de construção artística do mundo. Por outro lado, o super-historicismo tem um caráter de eternidade ao considerar tudo em devir, contudo seu estudo orienta-se para um raciocínio racional, científico e histórico do real. Apesar do devir ter este caráter de eternidade para a ciência, tal tipo de remédio é hostil à arte e à religião pelos aspectos imortalizantes que o esquecimento lhes proporciona, ao dar-lhes as características de uma “verdade eterna”. O esquecimento para a ciência representa a morte do saber, pois limita o homem de fazer “novas descobertas”, pois ele suprime os horizontes e impede o sujeito de ser lançado no mar infinito do devir da ciência. Contudo tais homens não sabem que estas “novas descobertas” da ciência não passam também de uma invenção, criação em alta velocidade de maneira que não se consegue absorver e digerir tudo o que é inventado. Viver desta maneira é impossível, pois o eterno devir causa instabilidade. Assim como

⁷⁷ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 201.

se teme a todo instante a base de uma casa construída em solo arenoso, o devir causa um constante desmoronamento conceitual privando o homem de sua segurança e tranqüilidade, que acaba abalando a sua crença em algo eterno e duradouro. A vida assim enfraquece e murcha e se a vida for destruída o conhecimento também o será. Desta maneira a ciência deve ser vigiada de perto, pois seu excesso pode destruir a vida. Portanto é na juventude que podemos encontrar este espírito que pode mudar a história, pois ela faz uso dos dois remédios devidamente. O jovem mantém a esperança e crença no futuro, porque ele sabe que se o que existe provém do devir, a história por sua vez não poderá ter um final, o que abre um campo de possibilidades infinitas para o porvir. Por outro lado, a história passada não tem muito valor para o espírito jovem, se esta não lhe for útil para inspirar novas ações futuras. Assim para uma criação efetiva no futuro é necessária uma dosagem de esquecimento e memória.

Repudiando aqueles que duvidam de que o tempo obscureça, quero agora contar-lhes, sob a forma de parábola, a sua marcha e a sua cura e como escaparam a sua própria história até o momento em que tendo conquistado a saúde, poderão estudar de novo a história e tornar útil o passado subordinando-o à vida, no triplo ponto de vista de que falávamos: monumental, tradicionalista e crítico. Serão então mais ignorantes que as pessoas cultas de agora, porque terão esquecido muito e terão mesmo perdido o desejo de lançar os olhos sobre tudo aquilo que os cultos querem saber; as suas marcas distintivas, aos olhos das pessoas cultas, serão a sua “incultura”, a sua indiferença e a sua hostilidade para com muitos acontecimentos importantes e realmente válidos. Mas, no termo da sua cura, ter-se-ão tornado de novo *homens* e terão deixado de ser uma massa de aparência humana; já é bastante! Que grandes esperanças! Não se ri o vosso coração, oh expectantes?⁷⁸

Para Nietzsche, este objetivo pode ser alcançado pela proposição de Delfos “conhece-te a ti mesmo”, porém tal frase não esconde, nem diz nada, ela apenas sugere, mas sugere o quê? Os gregos já tiveram em uma situação de perigo contrário ao nosso, onde corriam o risco de serem submergidos pelo estrangeiro e de morrer pela “história”. A Grécia foi por muito tempo um caos de formas e concepções estrangeiras e mesmo assim eles souberam organizar este caos com a doutrina de Delfos, que é: ouvir as suas necessidades e extirpar as necessidades fictícias. Desta maneira domaram seu destino, servindo de exemplo para os povos do futuro. Cabe ao homem aprender com os gregos e a sua história, a organizar o seu caos interior, para poder-se refletir sobre as necessidades da

⁷⁸ Nietzsche, *Considerações intempestivas* (Segunda intempestiva), p. 204.

vontade de cada um. Para Nietzsche, a cultura deve ser mais do que um simples ornamento à vida. Assim como os gregos inventaram uma nova *Physis*, o autor acredita que uma ligação entre o interior e o exterior, pode ser capaz de unir vida e pensamento, aparência e vontade, dando-se vida a uma cultura autêntica.

A questão de Nietzsche é acima de tudo a da afirmação da vida e da vontade. A história não é nem de maior, nem de menor importância, pois ela também faz parte de nossa vida, foi só através da construção de uma história que o homem pode sobreviver na natureza. Porém não podemos perder de vista este caráter primeiro que constitui a história que é a sobrevivência do homem no mundo, logo a própria vida. Assim a história precisa do esquecimento para continuar existindo, ou seja; ela precisa de grandes sujeitos de ação, que tenham esperança no futuro da história e da existência. É por isso que o homem deve saber brincar com o tempo, dosando desta forma o esquecimento de maneira a poder ser feliz, assim como o animal em seus instantes eternos. O tempo linear é uma invenção do homem, que percebe o mundo como uma sucessão de instantes, isto é; como causa e efeito, é a consciência que constrói o tempo, pois o ser humano para sobreviver precisou criar uma memória, o que fez surgir a percepção de linearidade do tempo. É somente com uma dose de esquecimento que o homem pode ser lançado para fora desta cadeia do temporal, o que acarreta em uma felicidade momentânea. Portanto, o homem feliz utiliza cada antídoto na ocasião que mais lhe convém, tanto a memória e quanto o esquecimento quando empregados devidamente contribuem para uma vida saudável.